





- Vovó, porquê eu me arrepio todo quando estou em um velório? Porque parece que eu estou sendo observado? Eu tenho medo.
- Não tenha medo criança. Os mortos não fazem mal aos vivos.

Vovó tinha esse hábito. Ela sempre buscava uma palavra de conforto com lógica para os meus medos. Era uma figura especialmente caridosa e muito religiosa. Devo a ela algum conhecimento que tenho sobre Deus. Eu era sempre presenteado com livros, principalmente os livros sobre o antigo testamento. A maioria deles com figuras muito bem desenhadas dos profetas e suas peripécias. Mesmo assim, eu nunca dormia no escuro. Ela dizia que eu devia ser “sensitivo”, alguém com capacidade para sentir a presença de pessoas do outro

mundo. Ao mesmo tempo que isso me apavorava acabava por instigar a curiosidade de um garoto de treze anos. Muitas vezes eu estranhamente não me sentia sozinho, embora estivesse. Havia perdido minha mãe muito cedo e meu pai nem havia conhecido. Minha querida avó e meu avô passaram então a cuidar de mim assim como de meu tio, Uélson, uma figura. Já era bem mais velho que eu e seu interesse há muito deixara de ser histórias em quadrinhos para revistas de mulheres nuas. Ele as escondia mas eu já havia descoberto o tesouro em uma velha lata de farinha sobre uma estante onde meus avós deixavam seus casacos na entrada da cozinha. Certa vez contei ao meu avô, na vã tentativa de vê-lo levar uma coça de chicotinho, mas não surtiu efeito. Meu avô despertou um certo interesse pelas belas obras e apenas me disse:

- Coisas da idade meu querido. Não se preocupe, seu tempo há de chegar.

Não me via no futuro debruçado sobre uma daquelas revistas no banheiro como certa vez peguei o

velho suando frio, ao entrar diretamente para fazer minhas necessidades. Ele havia esquecido a porta aberta. Não foi nada agradável para mim sentar por uns três dias seguidos, principalmente porque tentei chantageá-lo a comprar as figurinhas do álbum da copa do mundo para completar minha coleção. Não tive coragem de contar para minha avó qual o motivo da minha surra.

- Traquinagem vovó, traquinagem.

Eu tinha insônias, meu sono era perturbado e não raras vezes acordava gritando ou era acordado por ela para que me refizesse de meus pesadelos.

- Querido, você rezou antes de dormir? Pediu companhia dos amigos anjos?
- Pedi sim, mas acho que eles não me ouviram.
- Ouvem sim meu pequeno, eles sempre ouvem. Vamos rezar um pouco, já irá conseguir dormir.

E assim começamos aquela doce oração do Santo Anjo.

Naquela noite, em especial, vovó cobriu-me e foi para o quarto. Acordei mais adiante, em hora avançada pela madrugada, por conta de um barulho do lado de fora de nossa casa.

Nós morávamos em uma casa de madeira, um tanto antiga, mas bem conservada. Meu avô fazia questão de arruma-la. Toda semana tinha um afazer. Pintura, carpintaria, eletricidade, cuidar do pequeno jardim que tínhamos, cortando grama em sua famosa máquina de fazer defuntos, aquelas antigas roçadeiras elétricas. Coisa perigosa. Muitas vezes o sol era causticante e ele, apesar das repreensões de vovó, não se intimidava. Já tinha lá seus sessenta e poucos anos mas seguia. Logo ao sair de casa uma pequena passagem de concreto era ladeada pelo nosso gramado. Ao final uma cerca viva encurralava um enferrujado portão de aço, que dava para a rua.

O barulho era de cavalos andando na rua de paralelepípedos onde morávamos. Eu ouvia o trotar

manso até que parou. Pelo que notei havia parado em frente a nossa casa. Minha curiosidade de menino não permitiu ficar na cama, embora alguns de meus instintos me aconselhassem a ficar debaixo das cobertas. Eu levantei calmamente, calcei meus sapatos, sem meia mesmo e de pijamas subi a escada do sótão, vagarosamente, não sem antes dar uma espiada em vovó e vovô que dormiam no quarto próximo. Se um deles acordasse e me visse no sótão eu teria sérios problemas. Titio dormia na sala sem esboçar qualquer reação para os barulhos que eu podia ouvir. Enfim subi. Pela minha pouca estatura eu coloquei uma cadeira próximo a janela e subi, olhando sorrateiramente pelo vidro. Devia estar próximo ao nascer do sol porque não estava totalmente escuro. Embora houvesse uma neblina um tanto densa, uma pequena garoa, era possível ver até mesmo as casas em frente a nossa. Eu tive então uma visão interessante.

Vovô saía da casa e andava acompanhado de um senhor vestido em elegantes trajes de época, usando uma cartola e tendo em uma de suas mãos uma bengala

de estilo. Ele conduzia meu avô pelas mãos e ao que parecia vovô argumentava algo com ele mas não se permitiam parar de andar em direção ao portão, que estava aberto. Olhando de cima, da janela do sótão, pude ver uma carruagem. Algo que só havia visto em filmes de sessão da tarde. Ela era negra e fechada. Vovô foi conduzido até ela. A sua frente dois magníficos cavalos *percheron* pretos, com uma pequena coberta sobre eles a espantar-lhes o frio da madrugada. Devia mesmo estar um tanto frio pois de suas narinas algo semelhante a um vapor saía e seus olhos eram esbugalhados. À distância pareciam levemente avermelhados.

Rapidamente desci da cadeira e do sótão. A porta do quarto de vovó estava entreaberta, bem como a da entrada da casa. Dava para sentir uma pequena brisa a entrar pelo corredor. Fui adiante, peguei o casaco de vovô e me cobri, saindo devagar pela porta da frente e correndo pelo gramado ao longo da entrada, para não produzir nenhum som. Cheguei ao portão e meu avô me viu, esboçou um sorriso um tanto triste e uma lágrima escorreu-lhe o rosto. Eu então disse:

- Vovô, onde é que o senhor vai a essa hora?

Ao pronunciar essas palavras meu coração disparou. O cocheiro olhou para mim de cima da carruagem e vi a sua face horrenda. Ele era esquelético e muito branco, seu rosto extremamente envelhecido. Ele esboçou um pequeno sorriso para mim e então estalou o chicote no lombo dos cavalos dizendo:

- Adiante Fobos, adiante Deimos!

Restou-me gritar:

- Não, vovô, vovô, me ajudem!

Fui repentinamente acordada por minha avó.

- Acorde criança, acorde. Ele se foi.

Eu acordei e em apressada conversa fui logo dizendo:

- Eles o levaram vovó, eles o levaram.
- Eu sei meu menino, eu sei. Eles o levaram para o hospital.

Logo percebi que não estávamos sozinhos, havia meu tio, em lágrimas no quarto e um padre.

- O que aconteceu, vovó, onde está vovô?
- Meu querido, vovô foi levado para o hospital em estado grave. Ele sentiu-se mal pela madrugada e está em coma.
- Não vovó, não, ele foi levado por Fobos e Deimos, numa carruagem negra.
- Sacrilégio! Disse o padre me espirrando água benta.

Minha avó me deixou em prantos e tudo que eu pude ouvir, depois de meu tio ter retorcido minha orelha é o padre dizendo baixinho para ela:

- A senhora pode ficar tranqüila, vamos providenciar acompanhamento médico.

Minha avó entrou em convulsivo choro, sendo acudida pelo padre e por meu tio, para a minha sorte e de minha orelha.

Depois de um certo tempo pessoas foram chegando e minha avó as ia recebendo. Já arrumada para disfarçar as feições de susto e seu rosto inchado pelo choro.

Fomos ao hospital.

Eu me aproximei com vagar da porta entreaberta e fui entrando em meio a todos aqueles amigos de vovô, que o rodeavam em sua cama. A medida que eu ia entrando eles iam se afastando para abrir espaço até que pude ver vovô. Ele estava deitado com os braços sobre o corpo, com suas mãos postas. Sua expressão não era alegre e sim parecia de susto e tristeza. Jamais esquecerei aquela imagem.

- Pobrezinho, disse um dos amigos de vovô.
- Não tem pai, nem mãe, agora lhe restando apenas Dona Laura para educar-lhe.
- É, mamãe tem feito um esforço danado para dar educação a esse moleque.
- Chegue mais perto Davi, disse meu tio. Dê um beijo em seu avô. Certamente ele vai sentir.

Tive medo. A morte para mim era um mistério. Embora ele não estivesse morto, sua aparência era cadavérica. Eu fora educado com muita religião e com temores a respeito de inferno e purgatório, fim do mundo e outras coisas. Se vovô tivesse que ir para o céu

certamente não teria sido conduzido por aquela carroça tenebrosa.

- Vamos, não temos a noite toda.

Meu tio então me pegou pelo colarinho e colocou-me sobre vovô. Eu olhei para ele e toquei em suas mãos com os lábios. Estava frio e parecia congelado, duro. Ele segurava um terço. Ao olhar novamente para seu rosto ele abriu seus olhos levemente em minha direção e eu surtei. Pulei para trás e cai da cama, correndo por baixo das pernas dos visitantes gritando em direção a vovó que me recebeu em prantos.

- Vovó, socorro, ele abriu os olhos para mim.

Vovó arregalou seus imensos olhos castanhos para mim e me abraçou muito forte. Eu ouvi ruídos das pessoas em volta. Algumas pessoas me repreenderam.

- Como pode, não vê a aflição de sua avó. Venha comigo, vamos ali para o corredor.